

# O Tuiuti



BOLETIM PROFISSIONAL DE HISTÓRIA MILITAR

2015 / Nº 136

## Logística no Alto Paraguai Complexidades da Organização na Guerra da Tríplice Aliança





## O TUIUTI

Informativo oficial da AHIMTB/RS

Órgão de divulgação das atividades da Academia de História Militar Terrestre do Brasil / Rio Grande do Sul (AHIMTB/RS) - Academia General Rinaldo Pereira da Câmara - e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS). Membro da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB).

### EDITOR

**Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel**  
Presidente da AHIMTB/RS  
Vice do IHTRGS  
[lecaminha@gmail.com](mailto:lecaminha@gmail.com)

### PROJETO GRÁFICO/DESIGN

**Fabricio Gustavo Dillenburg**  
Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis  
Delegado AHIMTB/RS (DRHFPC)  
[nucleomilitar@gmail.com](mailto:nucleomilitar@gmail.com)

### ENDEREÇOS VIRTUAIS

[acadhistoria@gmail.com](mailto:acadhistoria@gmail.com)  
[www.acadhistoria.com.br](http://www.acadhistoria.com.br)

O informativo **O Tuiuti** é uma publicação da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, seção Rio Grande do Sul e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, com apoio do Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis e da Delegacia Regional AHIMTB/RS Gen Francisco de Paula Cidade. Seu objetivo é a divulgação dos trabalhos dessas entidades, bem como da História Militar em geral e temas relacionados. Os textos publicados expressam única e exclusivamente a opinião dos autores, não refletindo, necessariamente, a opinião da AHIMTB/RS, do IHTRGS, da FAHIMTB, ou de seus membros, como um todo. O material publicado está protegido por Leis Internacionais de Copyright. Para publicação e/ou redistribuição, por favor, entre em contato com o Editor. Todos os direitos reservados.



# EDITORIAL

"A logística é fundamental para as operações militares. Um ditado militar norte-americano fala que 'amadores falam de estratégia, profissionais falam de logística'. É uma atividade que acompanha a arte militar desde seus primórdios." Assim começa o excelente artigo do Cel Cav Luiz Augusto Rocha do Nascimento, que trata dos aspectos logísticos da Guerra da Tríplice Aliança. Ele demonstra, através de um texto riquíssimo, as dificuldades, os imprevistos, o despreparo e as superações das forças brasileiras em uma guerra para a qual não estávamos preparados. Nada melhor para darmos início à publicação do Tuiuti, neste ano de 2015.

Na sequência, em comemoração ao 1º Aniversário da AHIMTB em São Gabriel, apresentamos extratos do livro "Sesquicentenário 'Caserna de Bravos'", de Osorio Santana Figueiredo que, sendo nosso Acadêmico, muito nos honra com sua importante produção histórica.

Por fim, um pequeno texto - mas de grande relevância - do Presidente da AHIMTB/RS, Cel Caminha Giorgis, sobre a História Nova francesa e as durações temporais. Trata-se de uma concepção de tempo diferenciada, que muito destaque tem recebido, nas últimas décadas, nos estudos históricos acadêmicos, sobretudo pela influência que a Academia Francesa possui em nosso universo profissional das Ciências Humanas. Cabe uma leitura atenciosa, devido à importância dos conceitos e à conhecida capacidade de síntese do nosso Editor Chefe..

**F. G. Dillenburg (Co-Editor) por**  
**Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel**  
**Editor**

# CONTEÚDO

## 4 LOGÍSTICA NO ALTO PARAGUAI

por Cel Luiz Augusto R. do Nascimento

Um estudo dos aspectos da complexa logística na Guerra da Tríplice Aliança e suas implicações para a Campanha.

## 14 ANIVERSÁRIO EM SÃO GABRIEL

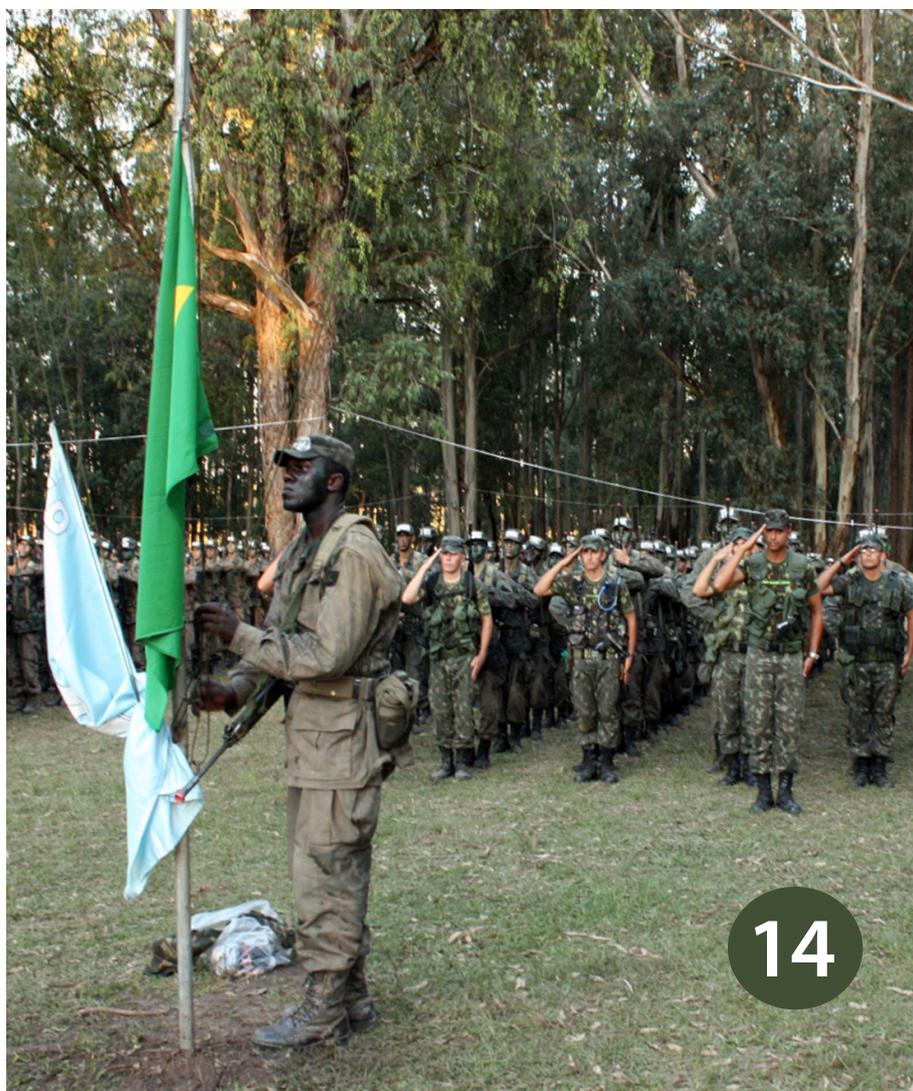
por Osório Santana Figueiredo

O "Boi de Botas" e o Sesquicentenário da "Caserna de Bravos", em um texto do nosso notável Acadêmico.

## 17 TEMPO E HISTÓRIA

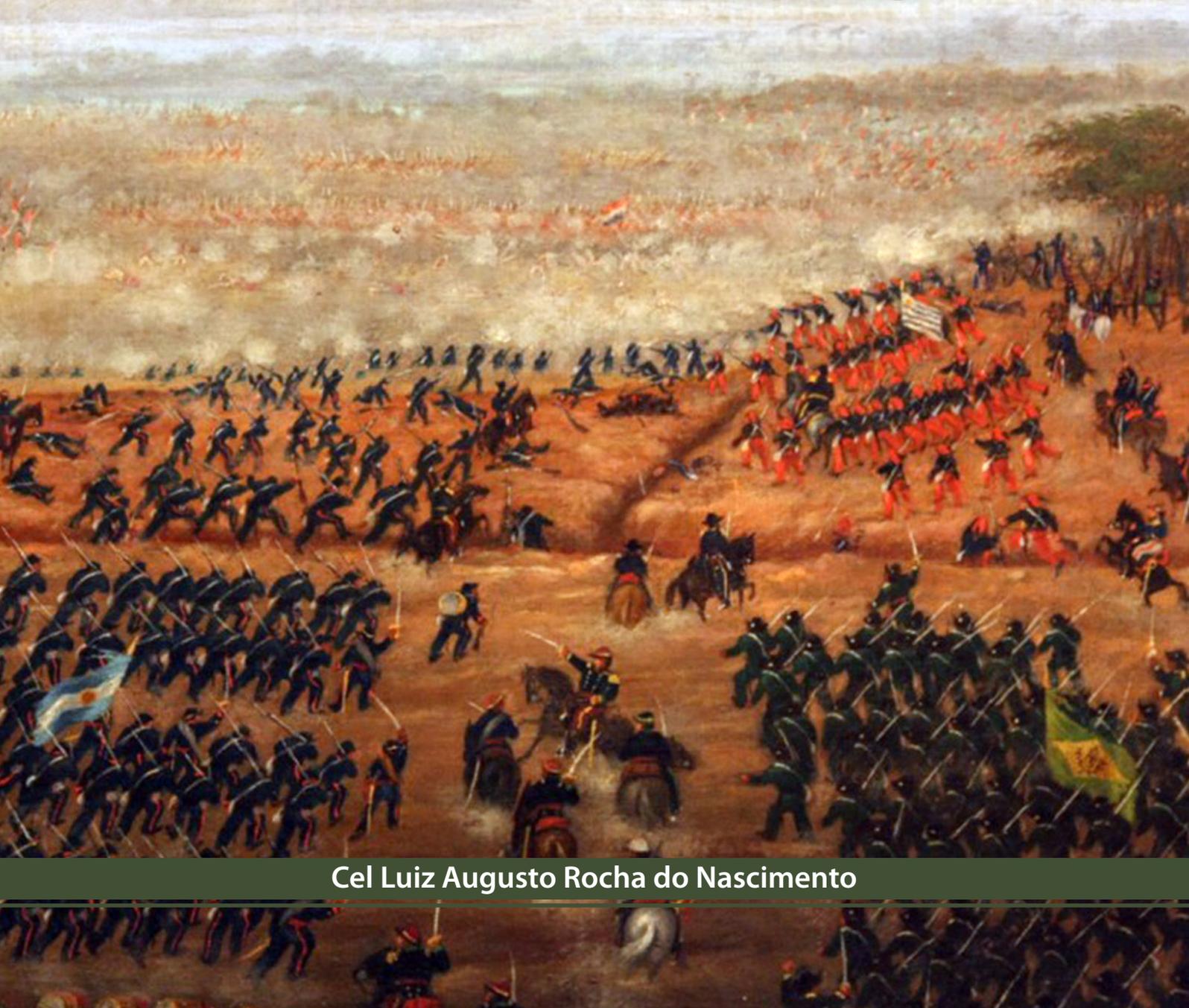
Cel Luiz Ermani Caminha Giorgis

As durações do tempo para Braudel, da Nova História francesa.



# *Aspectos Logísticos da Guerra da Tríplice Aliança*

*Campanha do Alto Paraguai  
(Província Brasileira de Mato-Grosso)*



Cel Luiz Augusto Rocha do Nascimento

**A** logística é fundamental para as operações militares. Um ditado militar norte-americano fala que "amadores falam de estratégia, profissionais falam de logística"<sup>1</sup>. É uma atividade que acompanha a arte militar desde seus primórdios. Um comandante militar, desde o início da formação das forças militares, não entrou em combate sem ter à disposição os meios para a batalha.

A logística só se sistematizou no século XX com o as necessidades apresentadas na II Guerra Mundial. Seu estudo permitiu não só que as tropas se valessem dela. O aperfeiçoamento da logística, após a guerra, sofreu um grande avanço na sua utilização no meio civil. Muito do progresso experimentado após o conflito veio de seus aperfeiçoamentos por diversos estudiosos e empresários.

A força militar brasileira, constituída pelo Exército, a Marinha e a Guarda Nacional, se estruturou no século XIX. O Brasil independente levou consigo a experiência militar portuguesa. A organização de recursos humanos e materiais ocorreram à medida que a jovem nação se estabelecia no cenário sul-americano, acompanhando as nações fundadas a partir da dissolução do império colonial espanhol.

O Exército e a Marinha imperiais se forjaram nos duros combates que se seguiram à

independência do Brasil do domínio de Portugal. Pode-se dizer que o Império se forjou à custa do sangue das revoltas internas, como a Revolução Farroupilha, e externas, como as lutas na Bacia do Rio da Prata e da Tríplice Aliança.

A força militar brasileira não estava em condições de combater contra o Paraguai. Sua atuação se restringiu a conflitos externos no sul, além de ações de sufocamento de revoltas internas, vencidas a partir de uma organização menos elaborada. Quando enfrentou tropas acostumadas por anos à guerra, essa falta de uma preparação adequada ficou evidente. A longa duração da Revolução Farroupilha (dez anos) é uma evidência disso.

**“A FORÇA MILITAR BRASILEIRA NÃO ESTAVA EM CONDIÇÕES DE COMBATER CONTRA O PARAGUAI. A LONGA DURAÇÃO DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA É UMA EVIDÊNCIA DISSO.”**

O Brasil não possuía uma infraestrutura mínima para lidar com as necessidades logísticas. O improvisado foi uma tônica em toda a guerra: “O planejamento da guerra em si seguiu o mesmo padrão de organização das forças militares brasileiras, com grande propensão à improvisação e à limitação estrutural-funcional

das forças postas em operação”<sup>2</sup>. A organização de uma força militar nacional esbarrava com a disponibilidade dos recursos para mantê-la. Assim, o desenvolvimento do sistema logístico no Brasil, apesar de ainda inexistente na realidade daquela época, se desenvolveu, sobretudo a partir da Guerra da Tríplice Aliança.

### **O TEATRO DE OPERAÇÕES DO ALTO PARAGUAI (MATO GROSSO)**

Os brasileiros defenderam que o conflito teve seu início com o apresamento do navio brasileiro Marquês de Olinda, em 12 de novembro de 1864. Este barco era de construção do empresário brasileiro Irineu Evangelista de Souza, Barão e Visconde de Mauá<sup>3</sup>. Os paraguaios remararam a data para 12 de outubro de 1864, marco da invasão brasileira ao Uruguai, conforme circular de 17 de novembro de 1864 do Ministro paraguaio José Bergés<sup>4</sup>. Mencionam isto em uma nota deste ministro, para o Império, datada de 30 de agosto de 1864<sup>5</sup>.

A expedição paraguaia formou-se em duas colunas: uma fluvial e outra terrestre. Todos tinham uniformes novos, com camisas escarlates, apresentando um aspecto muito pitoresco<sup>6</sup>. A Divisão de operações do Alto Paraguai ficou a comando do Coronel Cidadão Vicente Barrios, secundado pelo Tenente-Coronel Cidadão Francisco Gonzalez<sup>7</sup>.

A expedição terrestre se subdividiu em duas colunas. A primeira (Coluna de operações sobre a Vila de Miranda e Rio Mbotetey ou Miranda) ficou a cargo do Coronel Cidadão Francisco Izidoro Resquin tendo como segundo em comando o Capitão Cidadão Blas Rojas. A segunda (dourados e Rio Brillhante) ficou com o Capitão Cidadão Martin Urbieta. Integrava-se à expedição a frota nacional sob as ordens do Capitão de Fragata Cidadão Pedro Ignacio Meza<sup>8</sup>.

### Levantamento das Necessidades

A preparação paraguaia para a guerra se iniciou com bastante antecedência<sup>9</sup>. Antes da guerra espiões paraguaios circularam livremente pela província brasileira. A província era muito extensa e não existiam, à época, mapas confiáveis de todo o território. Tinham a finalidade de levantar informações para a invasão que se seguiu. As incursões se motivaram nos problemas de limites entre a República e o Império que, até o início da guerra, não se resolveram<sup>10</sup>.

Os espiões paraguaios levantaram dados pormenorizados sobre a província. Dentre os espiões estavam: Isidoro Resquin, que comandou uma coluna da invasão; o Tenente Herreros, da Marinha paraguaia, que perdeu a vida no porto de Dourados; e o Tenente de Cavalaria Pedro Pereyra.

Este último invadiu o sul de Mato Grosso com um punhado de homens, passando por todas as colônias da região na coleta de dados<sup>11</sup>. Levaram para Solano Lopez uma série de dados que proporcionaram ao governante paraguaio dar instruções pormenorizadas para a operação contra o Mato Grosso<sup>12</sup>.

### Recursos Humanos

Lopez organizou seu exército a partir dos acampamentos de Cerro Corá, Encarnación, Humaitá, Assunção e Concepción. Totalizaram 64.000 instruídos para a guerra, com um exército contando um efetivo de 28.000 homens<sup>13</sup>. Os paraguaios não possuíam uma escola de formação (ao contrário das Escolas de Formação de oficiais do Exército e Marinha imperiais): contaram com muitos instrutores estrangeiros contratados. Dentre eles estavam o então Capitão Hermenegildo Portocarrero, defensor do Forte Coimbra durante a invasão<sup>14</sup>.

O Exército imperial no Mato Grosso, pelo contrário, era muito aquém do necessário. Contava apenas com 876 homens do Exército em Mato Grosso<sup>15</sup>. Para efeitos logísticos, a Repartição eclesiástica contava com cinco representantes: dois homens no Distrito Militar da Cidade de Cuiabá; um no Distrito Militar da Cidade de Mato Grosso; um no Distrito Militar de Vila Maria; e um em Nioaque (Distrito Militar da Vila de Miranda)<sup>16</sup>.

O Exército contava também com cinco elementos da Companhia de Artífices distribuídos desta forma: Distrito Militar da Cidade de Mato Grosso (um), um no Distrito Militar da Cidade de Mato Grosso, um no Distrito Militar de Vila Maria, um no Distrito Militar do Baixo Paraguai (Nova Coimbra) e

#### SOLANO LÓPEZ v

Apesar de todas as tentativas de manter o governo paraguaio como vítima, típicas de uma literatura histórica arraigada em falácias, López foi o verdadeiro culpado pela carnificina gerada pela guerra.





#### ^ PARAGUAIOS

A imagem é de 1866, de um fotógrafo não identificado, exibindo homens da Legión Paraguaya, sob o comando do Cel Federico Báez. Os combatentes paraguaios tiveram sérios problemas, inclusive para receberem seu soldo.

mais um no Distrito Militar da Vila de Miranda (Colônia de Miranda)<sup>17</sup>.

A Marinha Imperial possuía, à época, um Arsenal em Cuiabá, com efetivo de marinheiros também muito pequeno face à extensão da província<sup>18</sup>. A força naval se constituía de 134 homens e 132 cavalos<sup>19</sup>. Uma força combativa muito pequena para a extensão da província e da necessidade de deslocamento pelos rios da região, particularmente do Paraguai.

O exército paraguaio se organizava conforme os exércitos e os regulamentos espanhóis. Pagava nominalmente sete pesos fortes por mês (soldados rasos), mas, na prática, eles recebiam seu pagamento bimestralmente. O soldo se dividia em três partes: prata,

moeda em mercadorias. Estas se adquiriam em armazéns do governo destinados a esse fim. Com a guerra, entretanto, Lopez não pagou mais soldo, embora determinasse o pagamento de três “gratificações” com valores aproximados a um soldo mensal<sup>20</sup>. No Mato Grosso, ao contrário, a situação era ruim. A mobilização paraguaia era mais eficiente do que a imperial.

O Paraguai estava muito melhor preparado que o Brasil. Contavam com um comando único (Lopez), estavam treinados, possuíam uma grande reserva e seus planos de invasão foram cuidadosamente realizados. O Mato Grosso, ao contrário, tinha muito menos efetivo do que o necessário para sua defesa. Estava longe da Corte e em situação de abandono. Apesar do material apreendido e levado pelos paraguaios ter-se mostrado muito grande, não havia quem os utilizasse na mesma proporção.

## Saúde

O Corpo de Saúde do Exército imperial brasileiro se organizava, como o restante da Força, de maneira aquém do necessário para as suas responsabilidades. Apenas o Hospital Militar de Cuiabá e as enfermarias, precárias, existentes nos destacamentos (Forte Coimbra, Corumbá, Vila Miranda e Nioaque). Além das colônias militares de Dourados e Miranda. Tinha como diretor um major da Reserva (combatente). Um absurdo não só pela hierarquia (o médico era um cirurgião-mor) como por se tratar um leigo<sup>21</sup>.

Além disso, a falta de homens se aliava à falta de material para os poucos profissionais de saúde existentes em Mato Grosso. “Na defesa de Mato Grosso, assim como do Rio Grande não havia condições para uma boa atuação do Corpo de Saúde. Faltava suprimento, medicamentos e faltava médico. Além das caixas de suprimentos vazias. Por desvio no caminho”<sup>22</sup>.

## Suprimento

A província brasileira do Mato Grosso estava totalmente aliada da Corte do Imperador Dom Pedro II. Suas linhas de comunicação eram extensas e inseguras. Os brasileiros estavam à mercê do capricho dos

governantes paraguaios em permitir a passagem pelo rio Paraguai. Havia sempre merecido muito pouca atenção do Governo imperial<sup>23</sup>.

Isso era inconcebível se se levasse em conta tanto a proximidade deste território junto à República do Paraguai, com a qual permaneciam pendentes, à época, as questões de limites nessa região, como os preparativos bélicos realizados por Solano López. O Brasil confiava demais na habilidade de sua diplomacia e a aversão demonstrada pelos paraguaios, aparentemente, de embarcar em aventuras guerreiras<sup>24</sup>.

Solano López conhecia perfeitamente o estado de abandono em que se encontrava o Mato Grosso: todos os elementos bélicos que o Brasil possuía em sua província passaram pelo porto de Assunção, onde seus agentes de fiscalização o informaram dos elementos que o Império acumulara na província durante as mais distintas épocas. Tratava-se, assim, de uma operação segura, de um passeio militar, de um golpe assestado a seu adversário sem que este estivesse em condições de revidar o ataque por muito tempo<sup>25</sup>.

Um boi para cada oitenta homens e, nos períodos melhores, para cada cinquenta, era a base da alimentação quotidiana do exército paraguaio



nas três armas. No princípio da guerra não faltava gado e as tropas se faziam acompanhar por grandes rebanhos. Mas, com o tempo, as dificuldades do fornecimento foram crescendo, até chegar ao ponto de dispor apenas de uma rês para cada cem homens, depois para cada 150 e finalmente para cada duzentos<sup>26</sup>.

Junto com a carne, o governo distribuía uma libra de erva-mate por mês, além de sal, tabaco e milho. O pão e os biscoitos eram desconhecidos. Quanto aos legumes e verduras, de que os paraguaios eram grandes consumidores em época de paz, cada um dava um jeito diferente para consegui-los, de acordo com as suas possibilidades<sup>27</sup>.

A escassez provocou sérios distúrbios intestinais, que se agravaram quando mais tarde começou a faltar o sal. Nos dias de batalha completava-se a alimentação com uma distribuição de aguardente, que era também empregada

#### ^ PROBLEMAS INFINDÁVEIS

Havia muito improviso, em praticamente todas as áreas. A preparação foi insuficiente e o equipamento provou ser, inúmeras vezes, inadequado. Isso, entre todos os contendores, sem exceção.

como remédio nos hospitais, em lugar de anestésicos<sup>28</sup>.

A expedição fluvial partiu em dois escalões. Utilizaram como pontos de apoio e reabastecimento a cidade de Concepción, O Forte Olimpo e o Porto da Baía Negra. O primeiro saiu de Assunção (km 390) no dia 14 de dezembro de 1864. Parou em Concepción (km 700). Reabasteceu-se dois dias nesta localidade (charque, milho, lenha, mate). Realizou, também, outra parada no Forte Olimpo (km 1.087) para se reabastecer de lenha provida pelo forte e pelas árvores da vizinhança<sup>29</sup>.

O segundo escalão saiu da capital guarani em 23 de dezembro de 1864. Realizou, também, uma parada de 48 horas em Concepción, pelos mesmos motivos do primeiro escalão. Depois partiu e en-

controu o primeiro escalão no porto de Baía Negra (Km 1.250). Deste local os dois escalões seguiram juntos na direção do Forte Coimbra. Nesse local, após o ataque, reorganizaram suas provisões para prosseguir na invasão<sup>30</sup>.

O vapor “El Apa”, integrante da expedição, partiu de Assunção em 8 de dezembro de 1864. Rebocou balsas-currais para transporte de animais para a foz do Apa (Forte da Confluência). Chegou neste porto em 12 de dezembro de 1864. Viajou três vezes para o Forte Olimpo conduzindo 300 cabeças de gado e 15 cavalos. Uniu-se à coluna fluvial em 19 de dezembro de 1864 no porto de El Salvador. Levava novo lote de gado para consumo da frota. Outros navios levavam barcas a reboque com gado e víveres para a expedição<sup>31</sup>.

A invasão do Alto Paraguai ocorreu também para assegurar suprimentos para os paraguaios. Lopez sabia o que mobiliava a província tendo em vista não só seus espões na região como os levantamentos realizados nos navios que abasteciam Mato Grosso e paravam, obrigatoriamente, no porto de Assunção. “Havia grandes depósitos de armas no Mato Grosso, não existindo, porém população e infraestrutura capazes de sustentar invasão imperial por aquela região”<sup>32</sup>.

Portanto, o próprio Império foi responsável por suprir os

paraguaios de armas e munições durante o restante da guerra. Os depósitos, abastecidos nos locais invadidos, sobretudo no Forte Coimbra, integraram os paíóis guaranis. Tais foram as quantidades de armas e pólvoras que trouxeram os paraguaios dos depósitos em Mato grosso que o Paraguai não teve necessidade de prover-se de outra parte para sustentar a guerra durante o tempo que ela durou<sup>33</sup>.

Além disso, “a expedição buscava arrebanhar animais vacuns e cavaleiros abundantes na região para alimentação das tropas e da cavalaria paraguaios”<sup>34</sup>. Ideia corroborada por Barros: “Mato Grosso era a esperança do abastecimento de carne, se fossem cortadas as comunicações com Corrientes”<sup>35</sup>. Porém, a “peste das cadeiras” (*trypanosomiose equina*), doença fatal, dizimou a cavalaria e dificultou a locomoção do rebanho bovino para o Paraguai<sup>36</sup>.

Além disso, a ligação de Corumbá com a Bolívia (antiga

região do Vice-Reinado do Rio da Prata) abriu nova rota de suprimento. A conquista de Corumbá possibilitou para os paraguaios também, posteriormente à Campanha do Mato Grosso, a obtenção de outros recursos como, por exemplo, para a saúde.

O caminho da Bolívia significou um “respiro” para López. Isto se tornou necessário face ao fechamento de sua rota de suprimentos pelo sul de seu país. Outros petrechos, com pólvora e armamentos, continuaram a entrar no Paraguai via Bolívia, sob a aquiescência de Melgarejo, dirigente boliviano. Provinham, provavelmente, dos Estados Unidos da América, conforme previsão do Conselheiro Saraiva que

#### ARTILHARIA v

Durante a guerra, canhões excepcionais foram fabricados pelos paraguaios (auxiliados pelos ingleses), e é justamente uma dessas armas (o “Cristão”) que permanece como uma querela histórica.

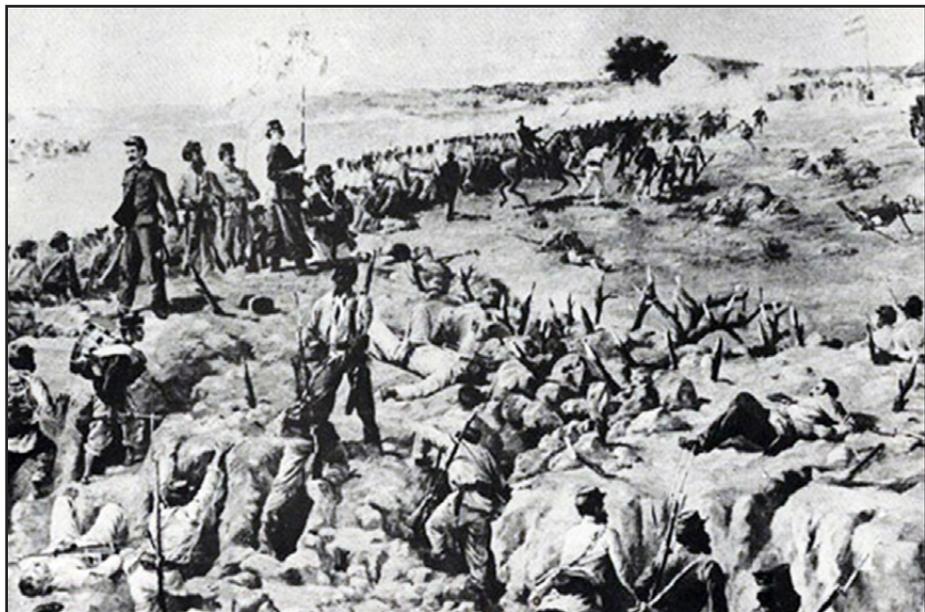


ocupava o Ministério de Negócios Estrangeiros em 1865 <sup>37</sup>.

## Manutenção

O Paraguai contava em Assunção com uma estrutura para realizar reparos. O material recolhido durante a expedição ao Mato Grosso, particularmente do Forte Coimbra, foi enviado para capital paraguaia. Assunção recebeu um primeiro carregamento de sessenta e sete canhões de bronze, de todos os calibres, desde 4 até 32 libras. Cinquenta carpinteiros trabalharam dia e noite, afanosamente, para montar tais canhões em rodados de campanha e na construção de carretas de munição <sup>38</sup>.

A fábrica de ferro (fundição) se estabeleceu no governo de Carlos Antônio López no ano de 1850 junto ao arroio Ybycui sob a direção do Engenheiro Mr. Guillermo Godwin. Contou com o auxílio de diversos oficiais estrangeiros sob o comando do Engenheiro em Chefe Mr. Guillermo Whitehead. O comandante da guarnição onde se situava a fundição estava sob o comando do tenente de fuzileiros Elizaldo Aquino <sup>39</sup>. Durante a guerra, os técnicos ingleses fabricaram nos arsenais de Assunção canhões excepcionais, que causavam muitos danos



### ALIMENTAÇÃO DEFICIENTE v

Além dos combates, havia baixas também pela má alimentação. Faltava carne (um boi para cada oitenta homens e, nos períodos melhores, para cada cinquenta) e escasseava, até mesmo, sal.

aos aliados, provocando-lhes ao mesmo tempo admiração. O canhão El Cristiano (O Cristão <sup>40</sup>), de doze toneladas e calibre 150, assim chamado por ter sido fabricado com o bronze dos sinos, foi levado como troféu para a cidade do Rio de Janeiro (exposto hoje na Praça dos Canhões do Museu Histórico Nacional <sup>41</sup>). Outro item famoso era o canhão El Guaraní. Junto com El Cristiano, destacaram-se no assédio de Humaitá e Angostura, e foram conservados como obras de grande valor <sup>42</sup>.

## Engenharia

O Paraguai possuía duas Companhias de bogavantes. O termo se origina de bogar (ou vogar) e avante (à frente). Constituíam o primeiro remeio de cada barco ou galera. Ou também o lugar em que se sentava esse remeio. Eram basicamente remadores. Tinham a missão de construir e conduzir canoas <sup>43</sup>.

A coluna fluvial que atacou o Mato Grosso contava com sapadores ligados à artilharia, como era usual à época. “Em relação à engenharia e à artilharia, algumas pequenas modificações estruturais foram responsáveis por um considerável avanço em termos de manobrabilidade e eficiência técnica dos quadros do Exército, dinamizando o aparato logístico do mesmo” <sup>44</sup>.

## Transporte

A força naval brasileira no Mato Grosso tinha o capitão de fragata P. C. de Castro Menezes como comandante. Consistia em uma flotilha composta dos seguintes vapores: Anhambaí (40 cavalos, 34 homens de guarnição, 2 bocas de fogo); Cuiabá (40

**^ NOVA VISÃO**

Historiadores atualizados e novas obras, derivadas de pesquisas recentes, estão encerrando, progressivamente, com a tradicional história de vitimização do Paraguai, colocando cada personagem no seu devido lugar.

cavalos, 31 homens de guarnição, sem artilharia); Corumbá (24 cavalos, 28 homens de guarnição); Alpha (16 cavalos, 22 homens de guarnição); Jaurú (12 cavalos, 19 homens de guarnição); e Paraná 40 (desarmado, em conserto)<sup>45</sup>.

O transporte paraguaio se efetivou por meio da esquadrilha era formada pelo Taquari, Igurey, Paraguari, Rio Blanco e pelo Yporá. Pertenciam à expedição também as escunas Independência e Aquidabã, acrescidos do patacho Rosário<sup>46</sup>. As embarcações formavam inicialmente a Marinha Mercante, e que foram artilhadas e preparadas para engrossar a Flotilha de Guerra do Paraguai durante a Guerra contra a Tríplice Aliança, de acordo com informações da época<sup>47</sup>.

A flotilha levava, também, os lanchões Humaitá e Cerro León. Nos dias de marcha vieram também juntar-se à frota os vapores Rio Apa, Salto del Guayra e Marquês de Olinda (este capturado no início da guerra e repassado para a frota guarani<sup>48</sup>. As forças armadas paraguaias não tinham em sua esquadra a sua força principal.

As tropas terrestres se moviam a cavalo (inclusive a infantaria). As peças de artilharia eram de tração animal, a exemplo dos canhões brasileiros. Os bois que alimentavam a tropa também serviam para o transporte dos canhões. Os cavalos eram poucos e ruins. No início da guerra havia cerca de 100 mil, mas tinham pouca resistência devido a uma doença na espinha dorsal que os depauperava rapidamente. Poucos eram capazes de galopar algumas milhas. Desde o primeiro ano da guerra viam-se muitos esquadrões de ca-

valaria combatendo a pé com lanças e sabres<sup>49</sup>.

**CONCLUSÃO**

O estudo da Campanha de Mato Grosso não recebeu muita atenção nem de brasileiros nem de paraguaios. Embora se constituísse em área de litígio entre os dois países, e o governante paraguaio reunir esforços para reconhecer a região, os planos e intenções de Lopez ainda não estão claras.

O trabalho teve por objetivo levantar alguns aspectos ligados à logística da Campanha. Merece um aprofundamento. Porém, mostra um esforço do autor de chamar à atenção para o que se conseguiu organizar, com os meios da época, para que os historiadores reflitam sobre a capacidade dos exércitos em luta de preparar e suprir sua tropa.

A logística é fundamental para as operações militares. Um ditado militar norte-americano fala que "amadores falam de estratégia, profissionais falam de logística". É uma atividade que acompanha a arte militar desde seus primórdios. Um comandante militar, desde o início da formação das forças militares, não entrou em combate sem ter à disposição os meios para a batalha.

**Notas:**

- 1 VAS, 2011 b, p. 65.
- 2 VAS, 2011 a, p. 13.
- 3 CALDEIRA, 1995, p. 422.
- 4 THOMPSON, 1968, p. 39.
- 5 YEGROS & BREZZO, 2013, p. 78.
- 6 THOMPSON, 1968, p. 43.
- 7 MELLO, 1961, p. 141.
- 8 MELLO, 1961, p. 142.
- 9 THOMPSON, 1968, p. 32.
- 10 MELLO, 1961, p. 124-125.
- 11 BARROS, p. 56.
- 12 MELLO, 1961, p. 128-130.
- 13 THOMPSON, 1968, p. 32.
- 14 FRAGOSO, 1956, p. 261.
- 15 FRAGOSO, 1956, p. 261.
- 16 FRAGOSO, 1956, p. 256-257.
- 17 FRAGOSO, 1956, p. 256-257.
- 18 MELLO, 2009, p. 197.
- 19 SCHNEIDER, 1902, p. 127.
- 20 THOMPSON, 1968, p. 32.
- 21 MOURA, 2011, p. 113.
- 22 MOURA, 2011, p. 114.
- 23 BEVERINA, 1943, p. 39.
- 24 BEVERINA, 1943, p. 39.
- 25 BEVERINA, 1943, p. 39.
- 26 CANCOGNI & BORIS, 1975, p. 56.
- 27 CANCOGNI & BORIS, 1975, p. 56.
- 28 CANCOGNI & BORIS, 1975, p. 56.
- 29 MELLO, 1961, p. 142-143.
- 30 MELLO, 1961, p. 143.

- 31 MELLO, 1961, p. 146.
- 32 MAESTRI, 2013, p. 43.
- 33 CENTURIÓN, 2013, p. 152.
- 34 MAESTRI, 2013, p. 43.
- 35 BARROS, 2007, p. 51.
- 36 MAESTRI, 2013, p. 43.
- 37 BANDEIRA, 2012, p. 236-237.
- 38 THOMPSON, 1968, p. 47.
- 39 ARECES & BOSIO, 1998, p. 93-94.
- 40 Autor deste trabalho.
- 41 Autor deste trabalho.
- 42 CANCOGNI & BORIS, 1975, p. 53.
- 43 MEZA, 1968.
- 44 VAS, 2011 a, p. 13.
- 45 SCHNEIDER, 1902, p. 107.
- 46 CARDOZO, 1967.
- 47 DOMÍNGUEZ, 2013
- 48 MELLO, 1961, p. 159.
- 49 CANCOGNI & BORIS, 1975, p. 51-52.

**Referências:**

ARECES, Nidia R.; BOSIO; Beatriz Gonzalez de. **El Paraguay durante los gobiernos de Francia y de los López.** Colección LA GRAN HISTORIA del PARAGUAY. El Lector. Asunción, Praguay. 1998.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **A expansão do Brasil e a formação dos Estados na Bacia do Prata: Argentina, Uruguai e Paraguai.** Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2012.

BARROS, Ruy Coelho de. Guerra com o Paraguai - aspectos políticos: aprofundamento. Univer-

sidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2007. Disponível em: [http://www.ppghis.com/dissertacao/arquivos/2007\\_Mes\\_Ruy\\_Coelho.pdf](http://www.ppghis.com/dissertacao/arquivos/2007_Mes_Ruy_Coelho.pdf)

BEVERINA, Juan. **La Guerra del Paraguay (1865-1870).** Biblioteca del Suboficial, vol. 118. Buenos Aires, 1943.

BRASIL, Ministério da Defesa. **Doutrina de Logística Militar (MD42-M-02).** Brasília, DF, 2002. 58 p.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação. História ensino fundamental e ensino médio. **A importância do mar na história do Brasil.** Coordenação Carlos Frederico Simões Serafim. Organização Armando de Senna Bittencourt. Brasília, 2006.

CANCOGNI, Manlio; BORIS, Ivan. **Solano López, o Napoleão do Prata.** Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1975.

CALDEIRA, Jorge. **Mauá: Empresário do Império.** Companhia das Letras. São Paulo, 1995.

CARDOZO, Efraim. **Hace 100 Años: Crônicas de La Guerra de 1864-1870** publicadas em "La Tribuna" de Asunción em El centenario de la Epopeya Nacional. Tomo I. Edicione EMASA. Asunción, Paraguay 1967.

CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. **Memórias o Reminiscencias Históricas sobre la Guerra del Paraguay.** Amerindia Ediciones Correntinas. Corrientes, Argentina, 2013.

DOMÍNGUEZ, César Cristaldo. **Las Batallas Navales (GUERRA DE LA TRIPLE ALIANZA).** Colección 150 AÑOS DE LA GUERRA GRANDE, n. 10. El Lector. Asunción, Paraguay. Novembro de 2013. Portal Guarani. Disponível em: [http://www.portalguarani.com/1247\\_cesar\\_l\\_cristaldo\\_dominguez/21940\\_las\\_batallas\\_navales\\_2013\\_guerra\\_de\\_la\\_triple\\_alianza\\_por\\_cesar\\_cristaldo\\_dominguez.html](http://www.portalguarani.com/1247_cesar_l_cristaldo_dominguez/21940_las_batallas_navales_2013_guerra_de_la_triple_alianza_por_cesar_cristaldo_dominguez.html)

FARIA, Ernesto. **Dicionário Escolar Latim-Português**. 2ª ed. Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro, 1956.

FILHO, Arlindo Vianna. **Tamandaré e a Logística Naval na Guerra do Paraguai**. In: Revista A Defesa Nacional n. 708. Rio de Janeiro, julho/agosto de 1983.

FRAGOSO, Tasso. **História da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai**. vol. 1. Biblioteca do Exército. Rio de Janeiro, 1956.

JOMINI, Baron Antoine Henri de. **The Art of War: Restored Edition**. Legacy Books Press Classics. Kingston, Ontario, Canadá, 2008. Disponível em <http://www.legacybookspress.com/Books/Jomini.pdf>

MAESTRI, Mário. **O Plano de Guerra Brasileiro em uma Guerra Assimétrica: 1865**. Revista Brasileira de História Militar. Ano IV. N° 10. Rio de Janeiro, abril de 2013. Disponível em: <http://www.historiamilitar.com.br/artigo2RBHM10.pdf>

MELLO, Raul Silveira de. **História do Forte Coimbra**. 4º vol. Biblioteca do Exército. Rio de Janeiro, 1961.

MELLO, Saulo Álvaro de. **O Arsenal de Marinha em Mato Grosso: Projeto político de defesa nacional e de disciplinarização do trabalho. Do planalto à planície pantaneira (1719-1873)**. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Dourados, 2009. Disponível em: <http://www.ufgd.edu.br/fch/mestrado-historia/dissertacoes/dissertacao-de-saulo-alvaro-de-mello>

MEZA, Juan A. **Rugido de Leões**. Portal Guarani. Assunción, Paraguai, 15 de agosto de 1968. Disponível em <http://www.portalguarani.com/museos.php?pormustytr=MTlw>

MOURA, Aureliano Pinto de. **O Corpo de Saúde do Exército na Tríplice Aliança**. In: Anais do I

Seminário da História da Guerra da Tríplice Aliança. Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército (CEPHiMEX). Rio de Janeiro, 2011.

REVISTA SOCIEDADE MILITAR. **A China e a Rota da Seda – os interesses geoeconômicos**. 22 de junho de 2014. Disponível em <http://sociedademilitar.com.br/index.php/joomla-overview/1244-a-china-na-rota-da-seda-os-interesses-geoeconomicos.html>

SCHNEIDER, Louis. **A Guerra da Tríplice Aliança (Império do Brasil, República Argentina e República Oriental do Uruguai) contra o Governo da República do Paraguai (1864-1870)**. H. Garnier. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01647719>

SILVA, Leonam Lauro Nunes da. **A participação da Bolívia no contexto da Guerra Grande (1865 – 1868)**. In: XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Associação Nacional de História – ANPUH. 2007. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0241.pdf>

THOMPSON, George. **A Guerra do Paraguai**. Traduzida por Ho-

mero de Castro Jobim. Editora Conquista. Rio de Janeiro, 1968.

VAS, Braz Batista. **Aspectos “logísticos” da Guerra do Paraguai – 1864-1870: algumas considerações**. 2011 a. Disponível em [http://api.ning.com/files/r-y9Kw3f9Erxdli\\*tGDQWmPC-GxnrzOI7u1AG2ThZggNrpPt-QG1fIS376ZPclpjbL8vP8gPDP-TAdSDPqIgrnYmdMIX7j55CvU/BrazBatistaVas.pdf](http://api.ning.com/files/r-y9Kw3f9Erxdli*tGDQWmPC-GxnrzOI7u1AG2ThZggNrpPt-QG1fIS376ZPclpjbL8vP8gPDP-TAdSDPqIgrnYmdMIX7j55CvU/BrazBatistaVas.pdf)

\_\_\_\_\_. **O Final de uma Guerra e suas Questões Logísticas: O Conde D’Eu na Guerra do Paraguai (1869-1870)**. Cultura Acadêmica Editora. São Paulo, 2011b. Disponível em [http://www.culturaacademica.com.br/\\_img/arquivos/O\\_final\\_de\\_uma\\_guerra\\_e\\_suas\\_questoes\\_logisticas.pdf](http://www.culturaacademica.com.br/_img/arquivos/O_final_de_uma_guerra_e_suas_questoes_logisticas.pdf)

YEGROS, Ricardo Scavone; BREZZO, Liliana M. **História das Relações Internacionais do Paraguai**. Fundação Alexandre de Gusmão. Brasília, 2013. Disponível em: [http://funag.gov.br/loja/download/1072-istoria\\_das\\_relacoes\\_internacionais\\_do\\_paraguai.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/1072-istoria_das_relacoes_internacionais_do_paraguai.pdf)



#### SOBRE O AUTOR

**Luiz Augusto Rocha do Nascimento** é Coronel de Cavalaria do Exército Brasileiro. Bacharel e Mestre em Ciências Militares. Também é Bacharel em Arquivologia; Técnico em Logística. Especialista em Análise e Projeto de Sistemas, Gestão em Tecnologia da Informação e História Militar. É membro da AHIMTB/DF e professor do Colégio Militar de Brasília. E-mail: [prof.luau@icloud.com](mailto:prof.luau@icloud.com)

# 1º ANIVERSÁRIO DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL SÃO GABRIEL, RS

**A culminância dos acontecimentos do sesquicentenário da Caserna de Bravos, a caserna do atual do 6º Batalhão de Engenharia de Combate, construída há 150 anos pelo então Cel Art Luiz Emílio Luis Mallet para aquartelar o hoje Grupo Mallet de Santa Maria. Grupo que passou a História com o nome popular de Boi de Botas. (Extrato do livro "Sesquicentenário 'Caserna de Bravos'")**

**Osório Santana Figueiredo**

**E**sta sesquicentenária Caserna teve seu esplendor em 21 Mar 1997, com a presença da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), vinda de Resende, onde tem sua sede em instalações da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). E veio para dar posse a três novos acadêmicos.

Seu fundador e presidente, Cel Cláudio Moreira Bento, foi recebido pelo Ten Cel Carlos José Sampaio Malan, Cmt do 6º Batalhão de Engenharia de Combate e patrono desse encontro cultural. O Cel Malan proporcionou todos os meios para que a solenidade se revestisse de brilhantismo, corporificando o espírito de camaradagem que caracteriza o sentimento hospitaleiro da lendária "Caserna de Bravos".

Os convidados chegaram da cidade, da Capital, de cidades do interior e de Rivera, República Oriental do Uruguai e o horário foi cumprido: 09h30min.

Organizada pela equipe do Major Flávio Luiz Camargo Pedroso, deu-se início à composição da Mesa Diretora com as autoridades presentes ou representadas.

O Cel Cláudio Moreira Bento, natural de Canguçu-RS, A Magnífica dos Cerros, convidou o Dr. Sérgio Cornelles Matheus, Promotor Público; o Vereador Júlio César Neves Barbosa; o Ten Cel Sérgio Renato Brasil Uberti, Cmt do 9º RCB e da Guarnição de São Gabriel; o Cel Floriano Silva, Comandante do Grupamento de Combate ao Incêndio de Santa Maria, representando a Brigada Militar do RS; o Ten Cel Marcos Miranda Guimarães, representando o Gen Alcedir Pereira Lopes, Cmt da 6ª DE e o Ten Cel Malan, Cmt 6º RCB. Este, como Patrono do Encontro, abriu a sessão e passou a direção ao Cel Bento.

O evento teve uma seleta plateia de pessoas gradas, civis e militares, sendo expressivo o número de convidados especiais. Notamos a presença de senhoras e senhoritas, todas atentas e silenciosas, de modo a não perderem nenhuma palavra.

A posse e diplomação dos acadêmicos da "AHIMTB" seguiu o critério adotado pela AHIMTB. O Gen Mário Rego Monteiro, escritor e genealogista, que deveria ocupar a Cadeira número 20, da qual é Patrono seu pai o Cel Jonathas da Costa Rego Monteiro, gabrielense, historiador de renome, com várias e valiosas obras publicadas, esteve ausente por motivo de saúde, o que não per-

mitiu sua vinda desde o Rio de Janeiro. A Sra. Maria de Lourdes Lopes Figueiredo leu o esboço da vida e obra do ilustre conterrâneo, hoje fulgurando na galeria dos benfeitores das letras brasileiras. A Asp Oficial Médica Denise Angelo discorreu sobre o "Currículum Vitae" do Gen Mário Rego Monteiro, numa exaltação ao ilustre acadêmico.

Seguiu-se a diplomação do historiador Osorio Santana Figueiredo, saudado pela professora Margarete Nunes Heman, que leu texto escrito pelo professor e advogado Aluizio Barros Macedo, com encômios ao trabalho que o homenageado vem realizando em prol da cultura histórica de São Gabriel.

O novo acadêmico explanou sobre o Patrono da Cadeira nº 13, Gen João Borges Fortes, na qual foi empossado, lembrando momentos vividos pelo respeitável historiador de São Gabriel, quando no princípio do século servia no 1º Grupo de Artilharia, então ocupando a atual "Caserna de Bravos".

O Ten Cel da Reserva da BMRS José Luiz Silveira, autor de preciosos trabalhos da historiografia rio-grandense, ocupou a Cadeira Especial dedicada à Brigada Militar, que tem como Patrono seu primeiro historiador Maj Miguel José Pereira, autor do Esboço Histórico da Brigada Militar – 1893/1917.

Foi saudado pelo historiador Arnaldo Luiz Cassol, que descreveu o trabalho do Cel Silveira no campo da história.

O homenageado, em alocução pausada, revelou pormenores sobre a vida do Patrono, enaltecendo suas realizações sobre a história da briosa Brigada Militar do Rio Grande do Sul.

O Cel Bento descreveu fatos e evocou a vida de literatos, evidenciando uma página escrita há 14 anos, ressaltando as virtudes e as qualidades que reunia o General Alfredo Souto Malan, biógrafo e historiador, pai do Ten Cel Malan, patrono do encontro em São Gabriel. Cidade que o Cel Bento classificou como a Atenas e Esparta gaúchas - terra de consagrados escritores gaúchos e de notáveis soldados, ao ponto de merecer o epíteto de Terra dos Marechais.

Procederam a leitura de textos históricos nove oficiais do Sv de Saúde, todos com magnífico desempenho notado pelos aplausos que lhes brindava a plateia.

Após o encerramento, feito pelo Ten Cel Uberti, o Ten Cel Malan, ofereceu um coquetel. E, logo após, o almoço. Do ato solene passou-se ao ágape, preparado pelo Sgt Luiz Sérgio Chagas, um mestre na arte culinária.

O Ten Cel Malan e sua esposa, Sra. Thérèse Vanhove Malan, foram incansáveis e gentis para com os convidados, ofe-

recendo a todos um ambiente de agrado social.

Ao se retirarem os convidados, deixaram elogiosas referências ao Ten Cel Malan, como autêntico 'gentleman', pela fineza e agradabilidade de seu trato social.

O eco deste evento na história do 6º BECmb ecoará pelos tempos, levando como testemunho as imagens das duas figuras que não somaram sacrifícios para distribuir o benefício da cultura intelectual, o manjar do espírito, o tônico da alma e o estímulo dos corações sedentos de saber e exemplos edificantes: os coronéis Cláudio Moreira Bento e Carlos José Sampaio Malan.

Para o encontro vieram, de Porto Alegre, o historiador Astrogildo Fernandes e o jornalista Homero Maya D'Ávila e filhas, Carla e Helena. De Santa Maria, o historiador José Luiz Silveira, homenageado; de Canguçu, a historiadora Marlene Barbosa Coelho; de Sant'Ana de Livramento, o historiador Ivo Caggiani e os tradicionalistas Velocínio Silveira e Nicolau Rodrigues; de Rivera, República do Uruguai, historiador Joel Salomon de León; de Rosário do Sul, os tradicionalistas Nelson Pereira e Carlos Roberto Dias Roque, e o historiador Jorge Telles; e de Caçapava do Sul, o historiador Arnaldo Luiz Cassol, que juntamente com Ivo Caggiani, foi distinguido com o Diploma de Colaborador da Academia de História Militar Terrestre do Brasil; e ainda os historiadores Ir. Jacob José Parmagnani, de

Porto Alegre, e José Garibaldi Simões, de São Sepé.

Durante a solenidade, o historiador Osório Santana Figueiredo foi homenageado pela Associação Cultural Alcides Maya, de São Gabriel, através de sua Presidente, Nilda Rodrigues Tubino e sua secretária, a advogada Maria Anita Prestes, que lhe fizeram a entrega de uma placa com dizeres referentes à sua posse na Cadeira n913 da AHIMTB.

À tarde, o Cel Bento realizou no mesmo local, uma reunião com os membros da entidade, reavivando o entusiasmo e os objetivos do Instituto, que continua vivo na alma e no coração do grupo, que permanece coeso e indivisível, comprometido com os ideais de devoção à cultura histórica do RS heroico e de sua brava gente.

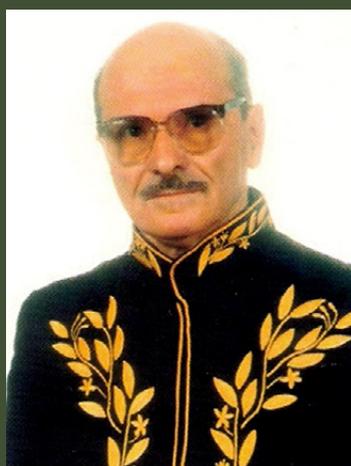
O dia 21 de março tornou-se uma data inesquecível na "Caserna de Bravos", e inapagável na lembrança dos que participaram do evento. Comentários do Cel Bento:

Lamentavelmente faleceram os intelectuais citados por Osório; Professora Marlene Barbosa Coelho, hoje consagrada no nome da Casa de Cultura de Canguçu, o General Mario Rego Monteiro, o Ten Cel José Silveira, veterano do Combate de Cerro Alegre em Piratini em 20 Set 1932 e consagrado Patrono da Delegacia da FAHIMTB em Santa Maria, o grande historiador de Santana Ivo Leites Caggiani, o biógrafo e parente do General



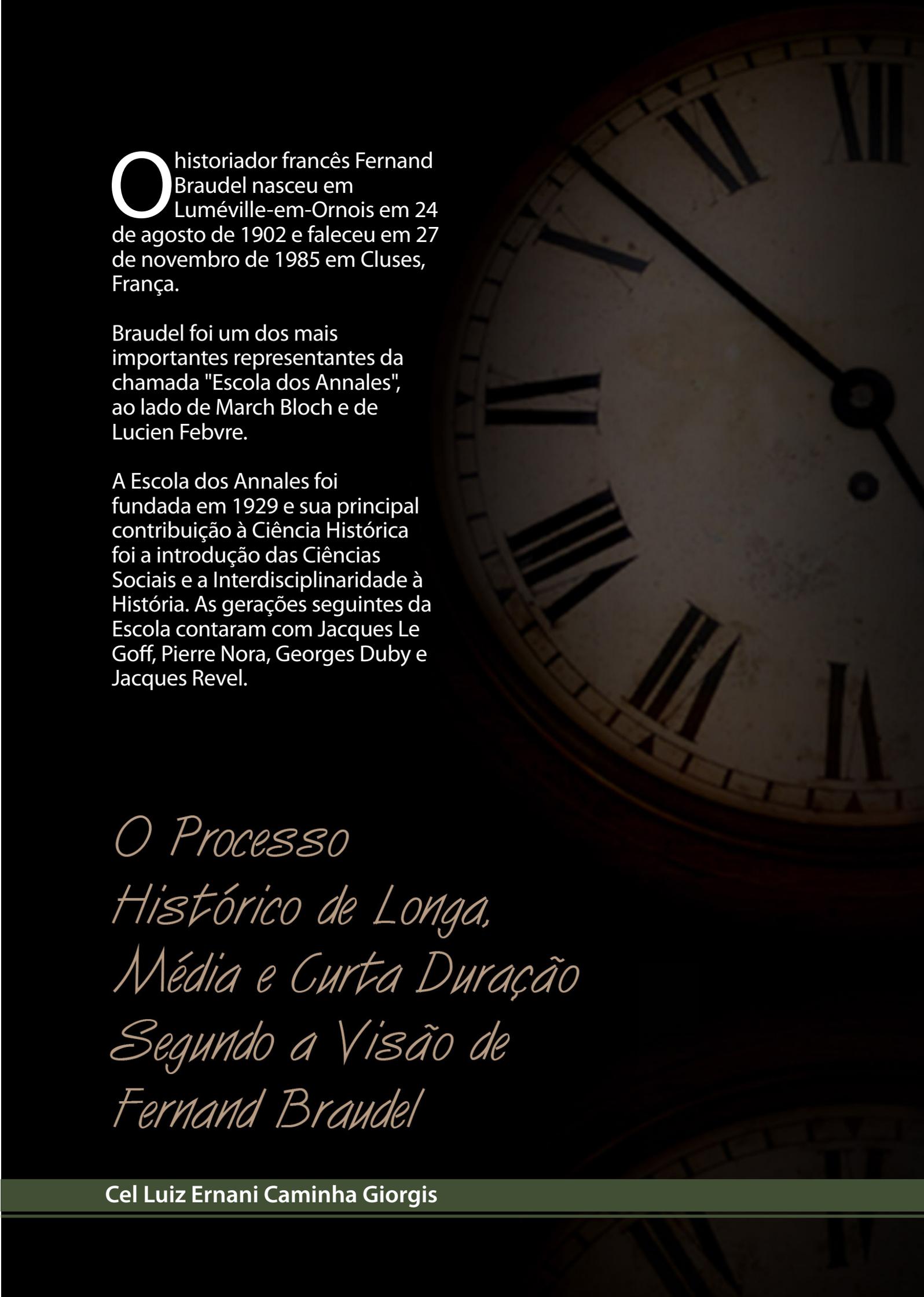
Davi Canabarro e Arnaldo Luis Cassol o notável historiador de Caçapava do Sul.

Osório Santana Figueiredo, que considero o maior historiador de fronteira do Brasil, continua a sua luta, dono de um belo currículo cultural constante das abas do seu livro citado. Todos foram destaques no êxito do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul que fundamos em Pelotas em 10 Set 1986, na então Escola Técnica Federal e com o apoio do Comando da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada, cuja História tivemos o privilégio de escrever em 2005, tendo como parceiro o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, dentro do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul. O IHTRGS, depois de assinalada atuação por 28 anos sob nossa Presidência, resolvemos transmitir a sua Presidência para o Cap R2 Art Juarez Nunes, de Caxias do Sul. O Cel Malan é acadêmico da cadeira que tem por patrono seu ilustre pai o Gen Ex Alfredo Souto Malan, o qual creio tenha sido um dos idealizadores do Batalhão de Engenheiros em Porto Alegre que congrega socialmente todos os Engenheiros Militares e os Engenheiros de Combate. Uma grande iniciativa.



#### SOBRE O AUTOR

**Osório Santana Figueiredo** é filho de João Baptista Figueiredo. Nascido em São Gabriel, é Acadêmico da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), ocupando a cadeira nº 13 (Gen João Borges Fortes), e membro da Academia Sul Brasileira de Letras, na qual ocupa a Cadeira de nº 25. Possui inúmeros outros títulos e diversas condecorações, militares e civis, por serviços prestados à preservação da História.



O historiador francês Fernand Braudel nasceu em Luméville-em-Ornois em 24 de agosto de 1902 e faleceu em 27 de novembro de 1985 em Cluses, França.

Braudel foi um dos mais importantes representantes da chamada "Escola dos Annales", ao lado de March Bloch e de Lucien Febvre.

A Escola dos Annales foi fundada em 1929 e sua principal contribuição à Ciência Histórica foi a introdução das Ciências Sociais e a Interdisciplinaridade à História. As gerações seguintes da Escola contaram com Jacques Le Goff, Pierre Nora, Georges Duby e Jacques Revel.

*O Processo  
Histórico de Longa,  
Média e Curta Duração  
Segundo a Visão de  
Fernand Braudel*

**Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis**

Na obra *Escritos sobre a História* (São Paulo: Perspectiva, 1969), Braudel introduz o conceito de duração e interação entre os processos históricos, chamados por ele de 'durações'.

Introduz Braudel, assim, a noção da multiplicidade do tempo e do valor do tempo longo. Acrescentando as críticas a cada grupo de ciências sociais ou humanas cujo trabalho se restrinja a apenas uma das "durações", Braudel reformula a própria visão da História.

De acordo com a sua visão, as durações da História seriam as seguintes:

- Processo Histórico de Longa Duração: a antropologia estrutural (estrutura);

- Processo Histórico de Média Duração: as ciências econômicas (conjuntura); e

- Processo Histórico de Curta Duração: a micro-sociologia política (evento).

Conforme a visão do autor, e dentro das concepções acima, a História reaparece como a ciência humana mais completa e mais complexa, ou seja, a única que considera a interação entre estrutura, conjuntura e evento (Cadernos Jaguarienses, IHGJ, volume 5, 2013, p. 21).

Como conclusão, deduzimos que sempre será necessária a contextualização de cada conjuntura e de cada evento, aplicando-se assim, conforme Braudel, a não restrição a somente uma "duração" e a interdisciplinaridade.

•

### Produção Literária de Fernand Braudel:

"La Méditerranée et le Monde Méditerranéen à l'époque de Philippe II" (3 vols.) Tradução portuguesa: *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II* - 2 vols. Lisboa, Publicações D. Quixote.

"La part du milieu" (v. 1) ISBN 2-253-06168-9

"Destins collectifs et mouvements d'ensemble" (v. 2) ISBN 2-253-06169-7

"Les événements, la politique et les hommes" (v. 3) ISBN 2-253-06170-0

"Ecrits sur l'Histoire" (1969) ISBN 2-08-081023-5 Tradução portuguesa: *Escritos sobre a História*. Lisboa, Publicações D. Quixote.

"The Mediterranean in the Ancient World"

"Civilisation matérielle, économie et capitalisme, XVe-XVIIIe siècle" (1979) Tradução portuguesa: *A Civilização Material* - 3 vols. Lisboa, Teorema.

"Les structures du quotidien" (v. 1) ISBN 2-253-06455-6

"Les jeux de l'échange" (v. 2) ISBN 2-253-06456-4

"Le temps du monde" (v. 3) ISBN 2-253-06457-2

"Civilization and Capitalism, 15th–18th Centuries" (3 vols.) (1979)

"On History" (1980), tradução inglesa de "Ecrits sur l'Histoire" por Sian Reynolds

"La Dynamique du Capitalisme" (1985) ISBN 2-08-081192-4 Tradução portuguesa: *A Dinâmica do Capitalismo*. Lisboa, Teorema.

"The Identity of France" (1986)  
"Ecrits sur l'Histoire II" (1990) ISBN 2-08-081304-8

"Out of Italy, 1450–1650" (1991)

"A History of Civilizations" (1995)

"Les mémoires de la Méditerranée" (1998) Tradução portuguesa: *Memórias do Mediterrâneo - Pré-História e Antiguidade*. Lisboa, Terramar.  
"Personal Testimony" in: *Journal of Modern History*, vol. 44, no. 4. (Dezembro de 1972)

•

### SOBRE O AUTOR

**Luiz Ernani Caminha Giorgis** é Coronel da Reserva, Presidente da AHIMTB/RS e Vice do IHTRGS. Editor do informativo *O Tuiuti*, é autor de várias obras sobre a história militar, entre elas "O Duque de Caxias Dia a Dia" e "História do Casarão da Várzea 1885-2008" (co-autor). Possui inúmeros artigos publicados e é detentor de diversos diplomas e medalhas, recebidos por serviços prestados à memória brasileira.



## A FAHIMTB E SUA ANTECESSORA, A AHIMTB

A **Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB)** foi fundada em Resende, RJ, em 1º de março de 1996 e reorganizada em 23 de abril de 2012 como Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), com sede no interior da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), e mais cinco academias federadas:

- A **AHIMTB/RESENDE** – Academia Marechal Mário Travassos, junto à FAHIMTB na AMAN e presidida pelo acadêmico emérito Cel Claudio Moreira Bento;

- A **AHIMTB/Distrito Federal** – Academia Marechal José Pessoa, com sede no Colégio Militar de Brasília, sob a presidência do acadêmico emérito Gen Div Arnaldo Serafim;

- A **AHIMTB/Rio de Janeiro** – Academia Marechal João Batista de Mattos, com sede na Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB/RJ) e sob a presidência do acadêmico emérito Eng Ten R/2 Art Israel Blajberg;

- A **AHIMTB/Rio Grande do Sul** – Academia General Rinaldo Pereira da Câmara, com sede no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e sob a presidência do acadêmico emérito Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis;

- A **AHIMTB/São Paulo** – Academia General Bertoldo Klinger, com sede no Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS), sob a presidência do acadêmico Historiador Adilson Cesar, também o presidente do citado Instituto. As citadas AHIMTB funcionam com delegações de poderes específicos da FAHIMTB e AHIMTB/Resende.

A AHIMTB foi fundada na data do aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. Teve, como sua sucessora, a FAHIMTB e as AHIMTB federadas, que são destinadas a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento.

A FAHIMTB, com sede e foro em Resende mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres consagrados.

## O TUIUTI

Informativo oficial da AHIMTB/RS

Para visualização, recomendamos o uso de um leitor de PDF atualizado (ADOBE Reader ou equivalente, versão 5.0 ou superior) com as opções do Menu **View**, ítem **Page Display**, **Two Page View**, **Show Gaps Between Pages** e **Show Cover Page in Two Pages View** ligadas. Dessa forma, a publicação será exibida na forma projetada. Caso seu programa esteja em Português, escolha no Menu **Visualizar**, o ítem **Exibição da Página**, clique em **Exibição em Duas Páginas** e **Exibir Página de Rosto em Exibição em Duas Páginas**.



O **Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis** é responsável pelo projeto gráfico e pelo design do informativo **O Tuiuti**, do que muito se orgulha. Com o objetivo de divulgar a História, sobretudo em seu viés militar, o Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis tem, como missão, levar ao máximo possível de pessoas o conhecimento da História Militar, divulgando sua importância, resgatando os seus valores e as suas memórias, fornecendo subsídios para uma educação integral e de qualidade. Nossa postura é absolutamente independente, livre de qualquer posição política ou religiosa, voltada unicamente para a preservação e divulgação do conhecimento histórico, sem qualquer conexão com entidades que não tenham cunho explicitamente cultural. Mais informações no endereço digital [www.nucleomilitar.com](http://www.nucleomilitar.com)

Apoio à FAHIMTB:





# AHIMTB / RS

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR  
TERRESTRE DO BRASIL / RS

